

As eleições municipais de 2020 e o bolsonarismo

Bolsonarismo saiu enfraquecido das urnas e terá dificuldade para eleger deputados federais e senadores ligados ao presidente e que defendem sua reeleição em 2022



Glauco Silva de Carvalho
9 de dezembro de 2020

MARCELO CAMARGO/AGÊNCIA BRASIL



Bolsonaro saiu enfraquecido das eleições e isso terá consequência para planos em 2022

Diversos meios de comunicação e analistas políticos foram céleres em afirmar, de maneira peremptória, que as eleições municipais têm pouca influência nas eleições nacionais. E o que o bolsonarismo pouco é afetado por tais resultados.

Não partilho de tal posicionamento. Explico, tomando como parâmetro a eleição de policiais militares, esteio firme do bolsonarismo.

Como é razoavelmente sedimentado, tanto na literatura da ciência política quanto em pesquisas eleitorais e na prática cotidiana, em eleições municipais o cidadão almeja o político que seja administrador de aspectos públicos de sua vida cotidiana, do asfalto, do semáforo, da inundação (ou melhor, de sua prevenção), da escola do bairro, do posto de saúde. E, por ser uma eleição local, descolada está das eleições nacionais, especialmente a presidencial.

Renato Sergio de Lima, em artigo para a revista *piauí*, demonstrou o alto percentual de policiais que se elegeram país afora. Foram 50 prefeitos e mais de 800 vereadores. Isso representa mais de 10% do total que se lançou candidato. Para ele, conseguir “10% de sucesso nas candidaturas é um percentual alto para um tipo de carreira específico”. Dependêríamos de esmiuçar os dados para saber onde esses vereadores e prefeitos se elegeram, quais as dimensões das cidades que hoje eles representam e por quais partidos se lançaram.

Dois aspectos me levam a crer que o bolsonarismo saiu enfraquecido dessas eleições e que isso implicará consequências para 2022.

Em primeiro lugar, na sistemática eleitoral do Brasil, cujas eleições se dão a cada dois anos — vereadores e prefeitos em um período e deputados federais, estaduais, senadores, governadores e presidente da República em outro período —, há uma engrenagem que move toda a máquina eleitoral. Deputados federais e estaduais fazem campanhas pesadas para vereadores e prefeitos que lhe são aliados e afetos. Em contrapartida, dois anos depois, serão esses vereadores e prefeitos eleitos que serão seus “cabos eleitorais” durante as campanhas, quer sejam para as Assembleias Legislativas, quer sejam para a Câmara federal.

Portanto, se o bolsonarismo saiu das urnas de 2020 enfraquecido, haverá maior dificuldade em eleger deputados federais e senadores profundamente ligados a Bolsonaro nas próximas eleições, de 2022. A correia de transmissão bolsonarista estará seriamente afetada.

Por outro lado, o exercício da presidência da República dá muitos poderes a seu mandatário. Se Bolsonaro chegar em 2022 com altos índices de popularidade, é bem provável que essa sistemática — já histórica no Brasil, vide *Coronelismo, enxada e voto*, de Victor Nunes Leal, escrito em 1948, um clássico da Ciência Política nacional — possa ser mitigada. O ponto nevrálgico é ele dispor de popularidade alta em 2022.

Veremos o que ocorrerá com sua sustentação popular em março do ano que vem, três meses após o fim do auxílio-pandemia. Prevejo chuvas e trovoadas. Depende, também, de quem será o presidente do Congresso, da Câmara dos Deputados, do comportamento da Covid, da aplicação da vacina, da concretização de reformas que deem maior estabilidade econômica ao país. Pelo andar da carruagem, o cenário é nebuloso e sujeito a tempestades.

O primeiro mandatário do Brasil, imaturo e afoito como todos conhecemos, cercado por filhos inconsequentes, desprovido de quadros que mostrem a que vieram, e cercado, hoje, pelo dito Centrão, poderá novamente namorar com golpes militares. Até onde sei, poucos policiais militares foram eleitos no Estado de São Paulo. Na capital, depois de muitos anos, nenhum. No interior, alguns eleitos, que conheço, não namoram diretamente o bolsonarismo.

É um primeiro sinal, um presságio do que pode vir pela frente. A derrota do presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, e as circunstâncias que abordamos acima podem evidenciar, ainda que de maneira muito sutil, que esse populismo de direita esteja a perder força político-eleitoral.

A ver os próximos capítulos.

Glauco Silva de Carvalho

Bacharel em Direito (USP), mestre e doutor em Ciência Política (USP). Coronel da reserva da PMESP, foi diretor de Polícia Comunitária e Direitos Humanos e Comandante do Policiamento na Cidade de São Paulo

<https://www.fontesegura.org.br/politica-e-policia/qpch8cyirc>

